

Alexandre Bitencourt

Como a mídia-educação e a inovação curricular
podem transformar a escola pública

LANÇAMENTOS



**A FESTA SURPRESA DA
CHAPEUZINHO VERMELHO**
de Cleia Teixeira

INTERVALO POÉTICO
de J. Wilton



Coordenaram esta edição: Manuel Francisco Neto / Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco / Vilma Maria da Silva

<https://primeiraevolucao.com.br>



<https://doi.org/10.52078/g2yjn63>

Editor Responsável: Antônio Raimundo Pereira Medrado
Editor correspondente (ANGOLA): Manuel Francisco Neto

Bibliotecária:
Patrícia Martins da Silva Rede

Coordenação editorial:
Ana Paula de Lima
Andreia Fernandes de Souza
Isac dos Santos Pereira
José Wilton dos Santos
Patrícia Martins da Silva Rede
Vilma Maria da Silva

Jornalista:
Luciana Cardoso de Souza

Colunistas:
Prof. Dr. Adefilson Batista Lins
Profa. Bianca de Assis Pirahy
Prof. Dr. Isac Chateaufort
Jornalista João Domingos Terin (William Terin)
Profa. Ma. Cleia Teixeira da Silva
Prof. Me. José Wilton dos Santos
Profa. Esp. Mirella Clerici Loayza

Coordenação editorial (Angola):
Manuel Francisco Neto
Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco

Web-edição:
T.I. Lee Anthony Medrado

Assessoria Jurídica
Júlio César dos Santos
OAB/SP 344263

Com. de Avaliação e Leitura:
Prof. Dr. Adefilson Batista Lins
Prof. Dr. Alexandre Passos Bitencourt
Profa. Esp. Ana Paula de Lima
Profa. Dra. Andreia Fernandes de Souza
Profa. Bianca de Assis Pirahy
Profa. Dra. Denise Mak
Prof. Me. Edson da Conceição Graça (Angola)
Prof. Me. Isac dos Santos Pereira
Prof. Dr. Manuel Francisco Neto (Angola)
Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco (Angola)
Profa. Esp. Mirella Clerici Loayza
Prof. Me. Tavares dos Santos Muhongo (Angola)
Profa. Dra. Thaís Thomaz Bovo
Prof. Me. Wilder Dala Quinjanga (Angola)

Contatos
Tel. 55(11) 99543-5703
Whatsapp: 55(11) 99543-5703
primeiraevolucao@gmail.com (S. Paulo)
netomanuelfrancisco@gmail.com (Luanda)
<https://primeiraevolucao.com.br>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – ano 7, n. 66 (ago. 2026). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2026. 360 p. : il. color

Bibliografia
Publicação contínua desde 2020.
Bimestral
e-ISSN 2675-2573
Disponível apenas online.
Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>
DOI: <https://doi.org/10.52078/g2yjn63>

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877

Em parceria com:



São Paulo | 2026

Publicada no Brasil por:

Livro Alternativo
www.livroalternativo.com.br

CNPJ: 28.657. 494/0001-09

05 EDITORIAL

Antonio R P Medrado

08 O pertencimento também se constrói à mesa: quando a alimentação escolar encontra os Direitos Humanos

Mirella Clerici

10 Ciência, Tecnologia & Sociedade

Adeilson Batista Lins

12 POIESIS

J. Wilton

14 Alexandre Bitencourt: como a mídia-educação e a inovação curricular podem transformar a escola pública

Luciana Cardoso de Souza



ARTIGOS

1. ESTÍMULO DA PRÓ-SOCIABILIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR: COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS, CONVIVÊNCIA E DESAFIOS NO COLÉGIO COMANDANTE BULA-PROVÍNCIA DO HUAMBO-ANGOLA	23
Alberto Praia Tchinhama	
2. A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM COMO INSTRUMENTO DE PROMOÇÃO DA QUALIDADE DE ENSINO NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR EM ANGOLA	29
António dos Reis Fançony /Calunda dos Santos Jorge /Sabalo João Luanda	
3. O ESTUDO DA DISTÂNCIA ENTRE DOIS PONTOS NO PLANO CARTESIANO: UM ESTUDO APLICADO AO ENSINO DA GEOMETRIA ANALÍTICA NA 10.ª CLASSE	35
Armando Kangolo Basílio /Denilson Genito Moisés dos Anjos /Ngombo Rodrigues Lucau	
4. CIBERSEGURANÇA, GUERRA CIBERNÉTICA E DINÂMICAS MIGRATÓRIAS: A NOVA DIMENSÃO DOS CONFLITOS E OS DESAFIOS PARA OS ÓRGÃOS DE SEGURANÇA E DEFESA	44
Augusto Hudson Simeão	
5. DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ENTRE A AVALIAÇÃO FORMATIVA E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS SOBRE A INFÂNCIA	53
Carina Fardim Soares	
6. O DIREITO FUNDAMENTAL À EDUCAÇÃO NO ORDENAMENTO JURÍDICO ANGOLANO E A REALIDADE EDUCATIVA: HÁ, NA PRÁTICA, CONDIÇÕES SUFICIENTES DE ASSEGURAMENTO DESTES DIREITOS?	61
Chiquito Afonso Fernando Domingos /Gouveia de Oliveira Ngunza da Silva	
7. ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS PARA O AVANÇO DA ESCRITA DO ALUNO PRÉ-SILÁBICO: CONTRIBUIÇÕES DA CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA E DO LETRAMENTO	72
Cirlene Alves de Oliveira	
8. RECONHECIMENTO DE ANGOLA AO GOVERNO DE TRANSIÇÃO DE BURKINA FASO: ANÁLISE SOBRE AS MENSAGENS DO PRESIDENTE JOÃO LOURENÇO AO IBRAHIM TRAORÉ	80
Daniel Cordeiro	
9. PREPARAÇÃO PSICOLÓGICA COMO REFORÇO POSITIVO NA RECUPERAÇÃO DE PACIENTE	85
Edgar Francisco da Silva Gonçalves	
10. ESPAÇOS EXTERNOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: MARCOS NORMATIVOS, QUALIDADE E CONTRIBUIÇÕES DE PESQUISAS SOBRE AS PRÁTICAS INSTITUCIONAIS	90
Elaine Santos do Nascimento	
11. O PSICÓLOGO COMO SOLUCIONADOR DE PROBLEMAS E MITIGADOR DE DANOS:DUAS FUNÇÕES ESSENCIAIS NA PRÁTICA CLÍNICA CONTEMPORÂNEA	97
Esmael Joaquim Machado	
12. POLÍTICA EDUCATIVA EM ANGOLA E A GARANTIA DO DIREITO NA EDUCAÇÃO	100
Faustino Moma Tchippesse	
13. A APRENDIZAGEM DO FUTSAL ESCOLAR COM JOGOS ESPORTIVOS COLETIVOS NA DEFICIÊNCIA INTELECTUAL	106
Fernando Leite Miranda	
14. A ALTERIDADE NO PROCESSO DE SUBJETIVAÇÃO DO SER	113
Gersiane Alves Pavão	
15. A INDISCIPLINA NA ESCOLA: NOTAS DE UM ESTUDO REALIZADO NA ESCOLA NGUENDELAMBA VIN-105	119
Guilherme Mateus Moma	
16. EFICÁCIA REGULATÓRIA DO KWENDA: UMA PERSPECTIVA DA ANÁLISE ECONÓMICA DO DIREITO	126
Gustavo Bruno Wandaqueia António	
17. A TEORIA DOS DOIS FACTORES DE HERZBERG NO COMPORTAMENTO ORGANIZACIONAL: UMA ANÁLISE SOBRE MOTIVAÇÃO E SATISFAÇÃO DOS COLABORADORES	135
Irma Cristina de Moraes Chinhema	
18. ENSINO COLABORATIVO NAS SALAS DE ENSINO FUNDAMENTAL II DA REDE MUNICIPAL DE SÃO PAULO À LUZ DO DESENHO UNIVERSAL PARA A APRENDIZAGEM (DUA)	142
Jeam Rodrigo de Oliveira	
19. DO ANALFABETISMO À AUTONOMIA FEMININA: IMPACTO DO PROJECTO OKUTANGA NA VIDA DAS MULHERES ZUNGUEIRAS	151
João Eduardo Quinseque /Mário Jamba Artur /Daniel Marculino Muenho /Eugénio Chicapa /Lília Stevens de la Cruz	
20. RECOMPOSIÇÃO DAS APRENDIZAGENS NO ENSINO FUNDAMENTAL: O PAPEL DA COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA NA ARTICULAÇÃO ENTRE AVALIAÇÃO, FORMAÇÃO E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS	161
Joice Pereira Marques	
21. A GESTÃO ESCOLAR E O PAPEL DO COORDENADOR PEDAGÓGICO: PERCEPÇÕES DOCENTES SOBRE PARTICIPAÇÃO, LIDERANÇA E TRABALHO PEDAGÓGICO	170
Katia Aparecida de Sousa Lima	
22. PRECONCEITO LINGÜÍSTICO E REGIONALISMO: A VALORIZAÇÃO DA DIVERSIDADE LINGÜÍSTICA BRASILEIRA	178
Luciana Cardoso de Souza	
23. ENVELHECIMENTO COMO PROBLEMA E COMO OPORTUNIDADE	181
Luís Venâncio /Elizabeth Hama Francisco	

24. A LEITURA LITERÁRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: EXPERIÊNCIAS E MEDIAÇÕES NO DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS	188
Lusilene da Rocha Alves	
25. ENTRE O PRESCRITIVO E O NARRATIVO: A NATUREZA HÍBRIDA DO CURRÍCULO DA CIDADE DE SÃO PAULO E OS ESTUDOS DE GÊNERO E DA SEXUALIDADE]	198
Marcelo Cunha	
26. EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO CURRÍCULO DA CIDADE DE SÃO PAULO: PRINCÍPIOS, DIREITOS DE APRENDIZAGEM E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS	215
Maria Angela Ferreira Oliveira	
27. PROGRAMA DE GARANTIA DA QUALIDADE ACADÊMICA NO INSTITUTO SUPERIOR POLITÉCNICO DO BITA	218
Maria Canga Álvaro	
28. EDUCAÇÃO INTEGRAL NA REDE MUNICIPAL DE SÃO PAULO: DA CIDADE EDUCADORA AO PROGRAMA SÃO PAULO INTEGRAL	224
Maria Elena dos Santos Silva	
29. A ROTINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ENTRE A ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA E AS NECESSIDADES DA CRIANÇA	227
Maria Madalena Sampaio Silva	
30. DIAGNÓSTICO PRÉ-HOSPITALAR DO ACIDENTE VASCULAR CEREBRAL: PERCEPÇÃO DE ENFERMAGEM SOBRE O USO DA ESCALA DE CINCINNATI	237
Mário Adelino Miranda Guedes	
31. A PERTENÇA ALÉM DA MATRÍCULA: EXPERIÊNCIAS DE ACOLOHIMENTO LINGÜÍSTICO, CULTURAL E ALIMENTAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL COMO PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS	242
Mirella Clerici	
32. A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICO-RACIAL NA INFÂNCIA: PEDAGOGIA DA ANCESTRALIDADE E LITERATURA COMO FERRAMENTA DE RESISTÊNCIA	255
Nayane Brito Veras Godinho Hermisdorf	
33. A HISTÓRIA DA MATEMÁTICA NA ANTIGUIDADE: CONTRIBUTOS PARA A APRENDIZAGEM DOS ESTUDANTES DO 1 ANO DO CURSO DE ENSINO DA MATEMÁTICA	267
Ngombo Rodrigo Lucau /Denilson Genito Moisés dos Anjos	
34. ESTUDO DE CASO DA ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL DO DANDE, BENGU NO PERÍODO DE 2023 - 2025	275
Panzo Manuel Bunga	
35. O USO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NO ENSINO SUPERIOR: UMA ADEQUAÇÃO A NOVA TENDÊNCIA PEDAGÓGICA, CASO DO INSTITUTO SUPERIOR LUSÍADA DO HUAMBO-ANGOLA	281
Pedro Isaac /Walter Albino António Sassoma	
36. PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO PERÍODO PANDÊMICO	286
Rafaela Gois Zirpolo	
37. O BRINCAR E AS INTERAÇÕES NA EDUCAÇÃO INFANTIL: FUNDAMENTOS PEDAGÓGICOS PARA A ORGANIZAÇÃO DE ESPAÇOS, TEMPOS E EXPERIÊNCIAS	291
Roseli Brito Tenório Ramos	
38. A FORMAÇÃO DOCENTE NA ERA DA EDUCAÇÃO DIGITAL: SABERES, CIDADANIA E DESAFIOS EMERGENTES	300
Suellen Vidal Araújo da Silva	
39. O BRINCAR COMO FERRAMENTA DO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E MOTOR NA INFÂNCIA	307
Talita Torraca Vieira da Silva	
40. FACTORES DE RISCOS ASSOCIADOS À INSUFICIÊNCIA RENAL CRÓNICA EM PACIENTES ATENDIDOS NO CENTRO DE HEMODIÁLISE DO HOSPITAL DO PRENDA NO PERÍODO DE JUNHO A JULHO DE 2025	310
Tamara Garcia Calixto /Belkis Tomilson Garcia /Tomas Miriam Tabares	
41. SAÚDE E EDUCAÇÃO: INTERSETORIALIDADE ENTRE SUS E ESCOLA NA PROMOÇÃO DO CUIDADO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	317
Tatiana Miranda Lima	
42. FACTORES ASSOCIADOS AO ABANDONO ESCOLAR DOS ALUNOS DO 1 CICLO NA COMUNA DE CAITOU, MUNICÍPIO DA BIBALA PROVÍNCIA DO NAMIBE	325
Teresa Francisca Nkhulwavo /Domingos Tchinhama Mangundu /Betsabé Pompa Abreu	
43. EDUCAÇÃO INFANTIL COMO TERRITÓRIO DE DIREITOS: EXPERIÊNCIAS, QUALIDADE E INTENCIONALIDADE PEDAGÓGICA	331
Valquiria Souza Cardoso	
44. DIÁLOGOS E SABERES BIOCULTURAIS E O SEU PAPEL ESTRUTURANTE NA EDUCAÇÃO PARA A BIODIVERSIDADE ENTRE COMUNIDADES KHOISAN DE ANGOLA E POVOS INDÍGENAS DO BRASIL	338
Valter Joaquim Vidal	
45. CONSUMO EXCESSIVO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS NA ADOLESCÊNCIA: PERSPECTIVAS SOCIOLÓGICAS PARA INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA EM ANGOLA	344
Vidal António Machado	
46. A SITUAÇÃO SOCIOECONÓMICA DAS FAMÍLIAS MONOPARENTAIS: CASO DO MUNICÍPIO DO CHINJENJE-PROVÍNCIA DO HUAMBO	350
Walter Albino António Sassoma	

**ESTA REVISTA É MANTIDA E FINANCIADA POR PROFESSORAS E PROFESSORES.
SUA DISTRIBUIÇÃO É, E SEMPRE SERÁ, LIVRE E GRATUITA.**

A **REVISTA PRIMEIRA EVOLUÇÃO** é um projeto editorial idealizado pela **Edições Livro Alternativo** com o objetivo de **empoderar e inspirar educadores** na jornada de compartilhar suas pesquisas, estudos, experiências e relatos de vivências.

UM CORPO EDITORIAL DE EXCELÊNCIA:

Nossa equipe conta com especialistas, mestres e doutores(as), todos com vasta experiência na rede pública de ensino, além de profissionais experientes nas áreas do livro e da tecnologia da informação. Essa expertise garante a qualidade e o rigor científico das publicações da revista.

INDEPENDÊNCIA E AUTONOMIA:

Um dos nossos diferenciais é a total independência, viabilizada pelo **financiamento colaborativo de professores e professoras**. Essa autonomia nos permite defender a liberdade de expressão e a diversidade de ideias, priorizando a qualidade dos conteúdos e o impacto positivo na educação.

PROPÓSITOS QUE IMPULSIONAM A TRANSFORMAÇÃO:

- **Promover o debate** crítico e reflexivo sobre os diversos aspectos da educação, com base nas vivências, pesquisas, estudos e experiências dos profissionais da área;
- **Proporcionar a publicação** de livros, artigos e ensaios que contribuam para o aprimoramento da educação e o desenvolvimento profissional dos educadores;
- **Apoiar a publicação** de obras de autores independentes, democratizando o acesso à informação e promovendo a diversidade de vozes;
- **Incentivar o uso de softwares livres** na produção de materiais didáticos e na difusão do conhecimento, promovendo a inclusão digital e a redução de custos;
- **Fomentar a produção de livros** por professores e autores independentes, reconhecendo e valorizando a experiência e o saber dos profissionais da educação;

PRINCÍPIOS QUE GUIAM A NOSSA ATUAÇÃO:

- **Priorizar trabalhos voltados para a educação**, cultura e produções independentes, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e democrática;
- **Utilizar exclusivamente softwares livres** na produção de livros, revistas e materiais de divulgação, promovendo a transparência, a colaboração e a acessibilidade;
- **Incentivar a produção de obras coletivas** por profissionais da educação, fomentando a colaboração e o compartilhamento de conhecimentos;
- **Publicar e divulgar livros de professores** e autores independentes, valorizando a diversidade de vozes e perspectivas na educação;
- **Respeitar a liberdade e autonomia** dos autores, garantindo a originalidade e a autenticidade das obras publicadas;
- **Combater o despotismo, o preconceito e a superstição**, defendendo os valores da democracia, da tolerância e do respeito à diversidade;
- **Promover a diversidade e a inclusão**, valorizando as diferentes culturas, identidades e experiências presentes na comunidade educacional.

A **REVISTA PRIMEIRA EVOLUÇÃO** é um movimento pela transformação da educação, um espaço para a colaboração, o aprendizado e a inovação.

Junte-se a nós e faça parte da construção de um futuro mais promissor para a educação!

INSTITUIÇÕES PARCEIRAS



Indexadores:



Filiada à:



Produzida exclusivamente com utilização de softwares livres



Platform & workflow by
OJS / PKP



A INDISCIPLINA NA ESCOLA: NOTAS DE UM ESTUDO REALIZADO NA ESCOLA NGUENDELAMBA VIN-105

Guilherme Mateus Moma¹

RESUMO: O presente artigo tem como objectivo analisar a relação existente entre os comportamentos dos alunos e o nível de satisfação dos professores, intervenientes, coordenadores de turno, directores de turma e pessoal de segurança da escola Nguendela, mba VIN-105, em Luanda. A indisciplina na escola constitui um conjunto de comportamentos que desequilibram a relação pedagógica entre o professor e aluno, comprometendo a compreensão e a assimilação dos conteúdos de ensino. A pesquisa foi desenvolvida a partir de uma abordagem qualitativa, com recurso à entrevista semidirigida como técnica principal de recolha de dados. Os resultados evidenciam que a indisciplina resulta da confluência de factores internos e externos à escola, destacando-se a insuficiente supervisão familiar, o impacto das redes sociais, a complexidade da adolescência, a desestruturação familiar e as fragilidades na gestão do regulamento interno da instituição escolar.

Palavras-chave: Escola; Comunidade Escolar; Regras de Conduta; Indisciplina Escolar.

INTRODUÇÃO

O presente artigo visa analisar, no quadro da violência na escola, a indisciplina na sala de aula como problema educacional de natureza sociológica e pedagógica.

A indisciplina constitui uma forma expressiva de manifestação de descontrolo comportamental por parte do aluno em relação ao professor, mediador e orientador do processo de ensino e aprendizagem. Segundo a direcção da Escola Nguendelamba, o comportamento indisciplinar caracteriza-se por cortes de cabelo extravagantes, uso de vestuário inadequado, portes de objectos contundentes, posses de material pornográfico, formas de interacção arrogante e desmedida, atrasos e faltas reiteradas às aulas, os quais criam um clima de desordem na interacção pedagógica professor/aluno desviando a atenção do conteúdo programático a ser ministrado.

Neste artigo, apresentam-se, de forma sistematizada, alguns resultados obtidos a partir de uma investigação realizada sobre a indisciplina na referida escola, destacando-se os aspectos teóricos e empíricos que fundamentam a análise do fenómeno.

A INSTITUIÇÃO ESCOLAR

A escola constitui uma das instituições sociais basilares por meio das quais as sociedades humanas produzem e reproduzem um conjunto de conhecimentos de natureza informativa e formativa, com vistas a contribuir para a formação integral dos indivíduos. Tal função é exercida em articulação com outras instâncias socializadoras, como a família, a igreja, os meios de comunicação e as empresas (SINGLY, 2011; FREIRE, 2012).

É no interior dessas instituições que os indivíduos manifestam comportamentos diferenciados,

¹ Mestre em Gestão Universitária pela Universidade Técnica de Angola. Licenciado em Ciências da Educação, opção Sociologia pelo Instituto Superior de Ciências da Educação de Luanda. Chefe do Departamento de Investigação Científica do Instituto Politécnico Deolinda Rodrigues. Orcid ID: 0009-0001-6483-1781 E-mail: guilmoma2014@yahoo.com

orientados por regras, valores e crenças que os norteiam em seu processo de socialização.

De acordo com Pimenta (apud. ENOQUE, 2013, p. 29), “a escola é uma instituição que responde a necessidade social de transmitir cultura, socializar o indivíduo e prepará-lo para desempenhar um papel na sociedade”. Na perspectiva de Enoque (2013), a escola é a segunda instância de socialização, configurando-se como um espaço de perpetuação das práticas culturais dos povos. Neste sentido, incumbe à escola promover a transformação do conhecimento assistemático em sistemático.

Para Guerra (apud. AMARAL, 2010), a escola é um microcosmo no qual se tece uma rede, visível em alguns momentos, invisível em outros, de relações interpessoais que configuram o clima da instituição.

A escola é um lugar de educação e, consequentemente, de formação de atitudes. Assim, considera-se relevante “definir critérios de conduta, pautados em serenidade, verdade, união e respeito humanos” (RANGEL, 2008, pp. 119-146).

COMUNIDADE ESCOLAR

Por Comunidade Escolar compreende-se o conjunto de relações entre os indivíduos que integram o estabelecimento de ensino, incluindo o director, professores, alunos, pessoal de segurança, pais e encarregados de educação, funcionários de apoio, secretários, tesoureiros, coordenadores de turno, directores de turma, coordenadores de disciplina e vigilantes.

Considerando a complexidade das relações no seio da comunidade escolar, torna-se relevante a constituição de grupos de trabalho que possam responder às necessidades mais específicas dos alunos, incluindo a discussão sobre direitos, deveres, ética e orientação de conduta académica e profissional.

Nesse sentido, identificam-se três elementos fundamentais para a compreensão da comunidade escolar, com vistas a minimizar situações anómalas, como a falta de respeito entre alunos e professores, ou entre os próprios alunos:

- a) Orientador Educacional;
- b) Coordenador Pedagógico;
- c) Comissão Disciplinar;

Segundo Almeida (2012) esses três elementos são ressaltados por razões pedagógicas de coerência didáctica e por sua função sociologicamente reguladora de condutas. Conceptualmente, o autor os define da seguinte forma:

Orientador Educacional: profissional responsável por zelar pelas formas de ser, estar e agir dos alunos no ambiente escolar, actuando nas áreas de orientação para os estudos, orientação profissional, psicológica, familiar e de lazer.

Coordenador Pedagógico: profissional encarregado das questões relacionadas às formas de ser, estar, agir e fazer dos docentes na instituição escolar. Sua actuação contempla reuniões de planeamento, elaboração de planos de ensino, discussão e proposição de métodos e técnicas pedagógicas, individualizantes e socializantes.

O coordenador pedagógico deverá trabalhar com professores, pais, alunos, comunidade e sob a supervisão da direcção. Sua função na comunidade escolar é fundamentalmente, articular, formar, orientar e transformar as condutas dos envolvidos, actuando de forma preventiva e não meramente correctiva (ALMEIDA, 2012; ROGERS, 2008; CARITA; FERNANDES, 2012).

Nesse contexto, faz-se necessária a criação de uma comissão disciplinar que direcione sua atenção, de forma pormenorizada, às causas, consequências e possíveis vias de solução dos comportamentos indisciplinados.

Comissão Disciplinar: instância colegiada que combinada, em suas formas de actuação, a articulação com o coordenador pedagógico, devendo constituída por nomeação do Director, com a participação dos coordenadores de curso, do representante da União dos Estudantes de Angola (UNIEA) e de um delegado sindical.

A essa comissão compete:

Sensibilizar a Comunidade Escolar para a prevenção de actos de indisciplina;

- Analisar e julgar os actos de indisciplina verificados;
- Investigar as causas de indisciplina e propor ao director, as sanções cabíveis.

A ESCOLA E AS REGRAS DE CONDUTA

“As investigações feitas sobre as questões de indisciplina na sala de aula têm comprovado algo que os professores

empiricamente conhecem: a existência de regras explícitas de conduta, que constituem um quadro normativo claro e preciso, por servirem de instrumento precioso na regulação da vida social da turma” (CARITA; FERNANDES, 2012, p. 78).

A ausência dessas regras origina situações de ambiguidade nas quais alunos e professores, sem parâmetros definidos, tendem a experimentar os limites do permitido, ao passo que docentes adoptam atitudes dispersas, orientadas pelas circunstâncias e pelas idiosincrasias de cada um (RANGEL, 2008).

Desse modo, é imprescindível que os professores definam e explicitem, desde as primeiras aulas, as regras de conduta vigentes na sala de aula, a fim de evitar que a situação degenera (CARITA; FERNANDES, 2012; ROGERS, 2008).

A analogia depreendida dessa abordagem está fortemente vinculada à implementação e cumprimento do regulamento interno da escola como instrumento de orientação da conduta dos seus membros.

Para que sejam eficazes, as normas disciplinares devem evitar ambiguidades, e as exigências disciplinares não devem variar significativamente de professor para professor (MENEZES, 2010).

Freire (2012) apresenta exemplos de ambiguidade normativa, tais como: permitir a entrada de alunos atrasados em determinados dias e noutros não; tolerar o uso de uniforme incompleto sem qualquer comunicação aos pais e no dia seguinte recusar a entrada do aluno; aceitar o uso de boné com alguns professores; permitir o uso de telemóvel em certas ocasiões e em outras reprimi-lo, mesmo quando os próprios professores o utilizam. Tais inconsistências comprometem a efectividade das normas e contribuem para a banalização da indisciplina.

Libâneo et al. (2012) afirmam que os professores não devem adotar condutas diferentes para controlar a disciplina, para tomar decisões de ordem moral ou desenvolver práticas de cidadania. Carita e Fernandes (2012) ressaltam a necessidade de um procedimento claro na definição das regras de conduta para cada turma em particular, sem prescindir dos ensinamentos da experiência e das orientações gerais em vigor.

De modo geral, as escolas orientam suas relações interpessoais por meio de um regulamento

interno (ROGERS, 2008: 54-61). Esse instrumento é, comumente, elaborado pela direcção escolar na pessoa do coordenador pedagógico, em conformidade com as disposições do Regulamento das Escolas do I e II Ciclos do Ensino Secundário do Ministério da Educação da República de Angola (CARITA; FERNANDES, 2012).

A INDISCIPLINA NA ESCOLA

A indisciplina constitui um problema social que merece atenção permanente por parte da comunidade escolar, envolvendo professores, alunos, coordenadores, directores, pais e encarregados de educação.

Carita e Fernandes (2012, p. 15) caracterizam a indisciplina como “uma situação em que, frequentemente, os professores se sentem desconsiderados, desprezados, questionados enquanto pessoa”. Trata-se de uma vivência que os afecta emocionalmente, muitas vezes de modo mais intenso do que os próprios problemas de aprendizagem com que habitualmente se confrontam (Ibid.). A conduta dos alunos em sala de aula constitui, em certa medida, um factor determinante na avaliação da qualidade do processo de ensino e aprendizagem.

Menezes (2010, p. 53) concebe a indisciplina como “a transgressão das normas escolares que prejudicam as condições de aprendizagem, o ambiente de ensino ou o relacionamento entre as pessoas na escola”. Caeiro e Delgado (2005), por sua vez, definem-na como todo comportamento perpetrado por um ou mais alunos que perturba as actividades planeadas pelo professor o desenvolvimento em sala de aula, incluindo fazer barulho, sair do lugar sem autorização, participar fora da sua vez, agredir verbal ou fisicamente os colegas, proferir palavrões, confrontar o professor ou recusar-se sair da aula quando solicitado.

Além dos factores de risco individuais, familiares, escolar e sociais, Freire (2012) identifica outros elementos que podem ser causas de comportamentos indisciplinados, como as características individuais de cada professor, o estilo de liderança e de exercício da autoridade do docente, os aspectos relacionais entre professor e alunos, a afectividade, a auto-estima do professor e a gestão da própria escola como um todo.

Diante dessa realidade, não se poderá ignorar que a própria escola pode ser responsável por determinadas situações de indisciplina, na medida em que, no interior da comunidade escolar, coexiste uma heterogeneidade de personalidade que, ao longo dos processos de interacção, transmitem – consciente ou inconscientemente – valores, regras de conduta e formas de adaptação divergentes daquelas prescritas pela instituição. Cabe, portanto, à instituição escolar encontrar estratégias adequadas para prevenir e gerir os comportamentos indisciplinados registados no meio escolar” (CAEIRO; DELGADO, 2005).

Estrela (*apud*. CAEIRO; DELGADO, 2005, pp. 16-20) aponta como factores estruturais que predisõem à indisciplina:

O elevado número de alunos por turma; escolas superlotadas, edifícios em más condições e mal apetrechados de material didáctico; existência de professores sem formação profissional adequado e pessoal auxiliar pouco qualificado; níveis elevados de insucesso escolar, elevado número de alunos oriundos de meios socioeconomicamente desfavorecidos. Tudo isso, aliado à falta de um sistema coerente de formação profissional, pode, inquestionavelmente, constituir um prelúdio para comportamentos indisciplinados.

Blaya (2006) descreve outras situações decorrentes do contexto familiar que podem induzir os filhos a comportamentos indisciplinados no ambiente escolar, entre as quais se destacam: a falta de supervisão parental, a ausência de clareza nos papéis familiares, a negligência, a inexistência de regras claras sobre o que é permitido, os estilos parentais excessivamente autoritários ou inconsistentes, e a falta de comunicação entre pais e filhos.

Chegado a este ponto, impõe-se uma reflexão séria e aprofundada sobre o papel dos pais na formação das concepções que seus filhos desenvolvem acerca das regras de conduta, tanto no ambiente doméstico quanto nos demais contextos sociais, incluindo a escola.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa de campo que fundamenta o presente estudo foi desenvolvida a partir de uma abordagem qualitativa, com recurso à entrevista focalizada como técnica principal de investigação.

Optou-se pelo tipo de entrevista focalizada – também denominada semidirigida ou centrada em tema

(COMBESSIE, 2004) –, amplamente utilizada em estudos de natureza sociológica. Esse tipo de instrumento permite que os entrevistados discorram livremente sobre o tema em questão, garantindo simultaneamente espontaneidade e foco temático (GIL, 2010).

As entrevistas foram realizadas nos dias 1 e 2 de Setembro de 2015, às 15h15, durante o horário de intervalo da Escola Nguendelamba, com o intuito de evitar interferências no percurso normal de aulas.

Foram realizadas entrevistas com 6 alunos, 4 professores e 1 segurança. Paralelamente, procedeu-se a uma observação directa participante, com a finalidade de promover a familiarização com os actores e com a dinâmica institucional. Os locais de observação escolhidos foram o pátio da escola e algumas salas de aula. Os informantes-chave foram delegados de turma, um coordenador de turno e o funcionário de segurança. Como instrumentos de apoio, utilizou-se agenda, caderno de campo, caneta e registos memônicos.

Logo, o cenário escolhido para o efeito foi o pátio da escola e algumas salas de aulas. Os nossos informantes-chave foram delegados de turma, coordenador de turno e o segurança. Como instrumentos de apoio, usamos uma agenda e um caderno, uma caneta e a memória mental para registo de dados e informações necessárias que consideramos ser pertinente ao nosso trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Uma das preocupações centrais ao longo do trabalho de campo foi conhecer as condições de vida dos alunos e a qualidade das suas relações no contexto familiar. Quanto às relações intrafamiliares, apenas 1 aluno considerou a relação como razoável; os demais afirmaram existir uma boa relação entre os membros da família. Um dos entrevistados declarou:

«Eh (...) é uma boa relação, nós nos respeitamos cada um da forma que ele é, e procuramos nos adequar ao comportamento uns dos outros e tentamos fazer algo que o outro não se sinta inferior» (Entrevistado 7).

Dos vários comportamentos indisciplinados verificados na Escola Nguendelamba, a família foi apontada como uma das principais responsáveis, na medida em que acompanha de forma insuficiente as

tarefas escolares dos seus educandos e detém escasso conhecimento sobre os comportamentos destes no ambiente escolar. Os 4 professores e o funcionário segurança foram unânimes nessa avaliação:

«O acompanhamento dos encarregados de educação, no que concerne à própria educação, está ainda distante das expectativas dos objectivos educacionais, porque muitas situações, esses encarregados de educação comparecem apenas em casos extremos; raramente vemos encarregados que vêm saber do comportamento dos seus educandos» (Entrevistado 5).

«Falta acompanhamento dos encarregados, porque a maioria alega não ter tempo. Então, tudo atribuem à escola. E a escola não pode exercer os dois papéis. O processo de ensino só é possível se haver esses dois elementos: encarregados de educação e escola» (Entrevistado 3).

Depreende-se dessas declarações que os encarregados de educação tendem a atribuir à escola e aos professores a quase totalidade da responsabilidade educativa e comportamental, em vez de partilharem tais tarefas de forma cooperativa. A perspectiva dos alunos sobre o acompanhamento dos seus encarregados é, contudo, relativamente optimista: apesar das ocupações alegadas, afirmam que os responsáveis comparecem à escola para verificar o aproveitamento escolar e efectuar o pagamento das propinas.

Quanto à postura institucional, os entrevistados referiram que a escola tem procurado promover a participação dos encarregados de educação por meio de reuniões trimestrais.

«A escola tem feito reuniões trimestrais com os encarregados» (Entrevistado 9).

Com o intuito de identificar as concepções dos alunos, professores e funcionário de segurança sobre a indisciplina, foi possível identificar três categorias interpretativas do fenómeno: dos 11 entrevistados, 5 concebem a indisciplina como o incumprimento das normas ou regulamento interno da escola; 4 a caracterizam como um acto negativo ou inadequado; e 2 a definem como um comportamento anormal de um indivíduo em relação aos demais, à luz do regulamento interno da instituição. Um dos entrevistados expressou-se nos seguintes termos:

«A indisciplina não é mais do que a desobediência de um regulamento, a um pressuposto legal que uma instituição tem para se impor ao aluno. Para mim, desde que se desrespeitem essas normas pré-estabelecidas de uma instituição, de um encarregado ou de uma família, constitui-se como uma indisciplina» (Entrevistado 9).

Em outros termos, a indisciplina é compreendida como um comportamento que transgredir as normas ou regras estabelecidas pela escola, família ou quaisquer outras instituições sociais, as quais, em consequência disso, recorrem às sanções para refrear tais violações.

No que diz respeito às causas da indisciplina na Escola Nguendelamba, os entrevistados identificaram cinco aspectos fundamentais: as más companhias, o impacto da televisão e das redes sociais, a complexidade da adolescência, a desestruturação familiar e a dificuldade no cumprimento do regulamento interno da escola. Alguns depoimentos ilustram essa percepção:

«Outros por influência de colegas, outros pela frustração, outros por hábitos ou por ilusão também» (Entrevistado 1).

«Acho que é uma questão de escolha, por mais que haja motivos, há pessoas têm más companhias, às vezes não têm diálogo, com os pais, os pais não lhes prestam atenção, ou eles próprios não ouvem os pais, e isso influencia – os maus exemplos» (Entrevistado 8).

«Antigamente, quando as redes sociais não estavam tão activas, o comportamento dos alunos era mais razoável, mas agora está pio. Eles primam pelo Facebook, Tiktok, Twitter e outras redes sociais. Mesmo dentro da sala de aula, o professor está aí a falar e o aluno está no Facebook, vendo coisas que nada têm haver com a aula. Quando o professor tenta repreendê-lo, o aluno responde de forma desrespeitosa. Isso é algo que talvez o governo possa enfrentar, ou nós mesmos precisamos nos organizar, realizando mais palestras para melhorar esse fenómeno» (Entrevistado 3).

«É a afirmação da juventude e da adolescência, em que o jovem quer demonstrar certos comportamentos para chamar atenção da sociedade, mostrar que é capaz, que tem uma identidade. Ele chama atenção por meio de actos que ferem a moral ou

as regras de convivência no seu meio. Normalmente são esses factores que podem levar o aluno a cometer indisciplina, além de outros de foro psicológico: problemas pessoais, problemas dos pais, família desestruturada, educação fragilizada no seio familiar ou distúrbios morais» (Entrevistado 5).

No que concerne à gestão dos comportamentos indisciplinados na Escola Nguendelamba, verificou-se que, para 5 entrevistados, essa gestão é percebida como severa; para 3, como liberal ou passiva; para outros 3, como flexível; e 1 entrevistado afirmou adoptar o método das cópias como estratégias de gestão da indisciplina em sala de aula. Os depoimentos a seguir ilustram essas perspectivas:

«Poucos professores dão atenção a isso. Eles deixam tudo para a escola resolver.. Nós ficamos na porta para verificar a entrada e saída dos alunos e inspecionamos se estão adequadamente vestidos. Ficamos também no corredor para notar comportamentos suspeitos, como a possibilidade de um aluno ter chegado sob efeito de álcool ou de drogas. Estamos atentos para que os alunos não persistam nesses comportamentos» (Entrevistado 3).

«Conversando com eles, dando conselhos, procurando saber lidar com cada pessoa para que entrem no caminho certo, e não repitam os comportamentos inadequados» (Entrevistado 8).

«A maneira gerir estes comportamentos é pessoal, porque cada professor tem a sua forma de lidar com um determinado caso de indisciplina. Há professores que chegam ao ponto de buscar outros métodos; eu, por exemplo, utilizo o método das cópias» (Entrevistado 2).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo, procurou-se analisar a indisciplina na Escola Nguendelamba VIN-105 como um fenómeno de natureza sociológica e pedagógica, evidenciando os seus impactos sobre o processo de ensino e aprendizagem e sobre as relações estabelecidas no contexto escolar. Os resultados demonstram que a indisciplina compromete o ambiente educativo, interfere na condução das actividades lectivas e dificulta a construção de um clima favorável ao desenvolvimento das aprendizagens.

Um dos objectivos da investigação consistiu em analisar a relação entre os comportamentos dos alunos e o nível de satisfação dos professores, coordenadores de turno, directores de turma, pessoal de segurança e demais intervenientes da comunidade escolar. Os dados recolhidos permitiram concluir que os comportamentos indisciplinados afectam negativamente o desempenho e a satisfação desses actores, uma vez que aumentam o desgaste emocional, dificultam a gestão da sala de aula, reduzem a eficácia das práticas pedagógicas e exigem um esforço permanente de mediação de conflitos e de manutenção da ordem escolar.

Relativamente às causas da indisciplina, verificou-se que o fenómeno resulta da conjugação de factores internos e externos à instituição escolar. Entre os factores externos destacam-se a insuficiente supervisão familiar, a ausência de autoridade parental, a influência das más companhias, o impacto das redes sociais, a complexidade própria da adolescência e a desestruturação familiar. No plano interno, os resultados evidenciaram fragilidades na gestão do regulamento interno da escola, traduzidas pela insuficiente divulgação das normas disciplinares, pela aplicação uniforme das regras e por diferentes formas de gestão da disciplina adoptadas pelos professores, circunstâncias que contribuem para a ocorrência e manutenção de comportamentos indisciplinados.

Conclui-se, assim, que o enfrentamento da indisciplina exige uma intervenção articulada entre escola, família e comunidade, baseada na aplicação coerente do regulamento interno, na valorização do diálogo, no fortalecimento do acompanhamento parental e na formação contínua dos profissionais da educação para a gestão dos conflitos escolares.

Importa reconhecer que o presente estudo apresenta algumas limitações, por contemplar apenas as perspectivas de alunos, professores e pessoal de segurança. Deste modo, recomenda-se que futuras investigações integrem também os encarregados de educação, os gestores escolares e outros actores da comunidade educativa, permitindo uma compreensão mais abrangente do fenómeno e a formulação de estratégias de intervenção mais consistentes e eficazes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- LMEIDA, Laurinda Ramalho de. “Um dia na Vida de Coordenador Pedagógico de Escola Pública” in Vera Maria Placco & Laurinda Ramalho Almeida (Org.). **O Coordenador Pedagógico e o Cotidiano da Escola**. São Paulo: Edições Loyola, 2012. pp. 21-45.
- AMARAL, Patrícia. “Respostas à Violência na Escola: Uma Perspectiva Sociológica” in BLAYA, Catherine. **Violência e Maus-Tratos em Meio Escolar**. Lisboa: Instituto Piaget, 2006.
- CAEIRO, José; DELGADO, Pedro. **Indisciplina em Contexto Escolar**. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.
- CARITA, Ana & FERNANDES, Graça. **Indisciplina na Sala de Aula**. Lisboa: Editorial Presença, 2012.
- COMBESSIE, Jean-Claude. **O Método em Sociologia: O que é, como faz?** São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- ENOQUE, Matos. “As Instituições Envolventes no Cumprimento da Missão da Escola” in ENOQUE, Matos. **O Papel da Sociedade no Cumprimento da Missão da Escola**. Luanda: Livros Olohengo, 2013, pp. 29-34.
- FREIRE, Serrano. **Afinal... Por que nossos alunos não aprendem?** O que pais e professores precisam saber sobre como melhorar a aprendizagem e reduzir a indisciplina. Rio de Janeiro: Mahara Editora, 2012.
- GIL, António. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 2010.
- LIBÂNEO, José Carlos et al. **Educação Escolar: Políticas, Estrutura e Organização**. São Paulo: Cortez Editora, 2012.
- MENEZES, M. Azancot de. “Indisciplina e Violência na Escola: Causas e Perspectivas de intervenção”, in MENEZES, M. Azancot de. **Reflexões sobre Educação**. Luanda: Mayamba, 2010, pp. 52-57.
- RANGEL, Mary. “Temas integradores da Supervisão Pedagógica, Orientação Educacional e Comunidade Escolar”, in GRINSPUN, Mírian Paura S. Zippin (Org.): **Supervisão e Orientação Educacional: Perspectivas de Integração na Escola**. São Paulo: Cortez Editora, 2008, pp. 119-146.
- ROGERS, Bill (2008). **Gestão de Relacionamento e Comportamento em Sala de Aula**. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- SINGLY, François. **Sociologia da Família Contemporânea**. Lisboa: Edições Texto Gráfica, 2011.



<https://doi.org/10.52078/g2yjnv63>



COORDENAÇÃO:

Prof. Dr. Manuel Francisco Neto
Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco
Profa. Esp. Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS):

Alberto Praia Tchinhama	Joice Pereira Marques
António dos Reis Fançony	Katia Aparecida de Sousa Lima
Armando Kangolo Basílio	Lília Stevens de la Cruz
Augusto Hudson Simeão	Luciana Cardoso de Souza
Calunda dos Santos Jorge	Luís Venâncio
Carina Fardim Soares	Lusilene da Rocha Alves
Belkis Tomilson Garcia	Marcelo Cunha
Betsabé Pompa Abreu	Maria Angela Ferreira Oliveira
Chiquito Afonso Fernando	Maria Canga Álvaro
Domingos	Maria Elena dos Santos Silva
Cirlene Alves de Oliveira	Maria Madalena Sampaio Silva
Daniel Cordeiro	Mário Adelino Miranda Guedes
Daniel Marculino Muenho	Mário Jamba Artur
Denilson Genito Moisés dos Anjos	Mirella Clerici
Domingos Tchinhama Mangundu	Nayane Brito Veras Godinho
Edgar Francisco da Silva	Hermisdorf
Gonçalves	Ngombo Rodrigues Lucau
Elaine Santos do Nascimento	Panzo Manuel Bunga
Elizabeth Hama Francisco	Pedro Isaac
Esmael Joaquim Machado	Rafaela Gois Zirpolo
Eugénio Chicapa	Roseli Brito Tenório Ramos
Faustino Moma Tchipesse	Sabalo João Luanda
Fernando Leite Miranda	Suellen Vidal Araújo Da Silva
Gersiane Alves Pavão	Talita Torracca Vieira da Silva
Gouveia de Oliveira Ngunza da Silva	Tamara Garcia Calixto
Guilherme Mateus Moma	Tatiana Miranda Lima
Gustavo Bruno Wandaqueia	Teresa Francisca Nkhulwavo
António	Tomasa Miriam Tabares
Irma Cristina de Moraes	Valquiria Souza Cardoso
Chinhemba	Valter Joaquim Vidal
Jeam Rodrigo de Oliveira	Vidal António Machado
João Eduardo Quinsequei	Walter Albino António Sassoma

Indexadores:



Filiada à:



Produzida exclusivamente com utilização de softwares livres



Platform & workflow by
OJS / PKP

Parceiros:

